12.º anno — Domingo, 15 de Junho de 1913 — N.º 646

AVENÇA

GAZETA DE ESPINHO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Dezenove n.º 36
ESPINHO
Director: J. Pinto Coelho

PELA PATRIA E PELA REPUBLICA

Propriedade da Empreza GAZETA D'ESPINHO

Composição e Impr. TYPOGRAPHIA PENINSULAR
—24 RUA DE S. CHRISPIM—26=PORTO
Editor—Joaquim Luiz Rodrigues

A ORDEM

O caso de Lisboa, largamente relatado na imprensa diaria, veiu pôr momentaneamente, em sobresalto a gente timorata, surprendida pelos primeiros écos do retumbante sucesso.

Lisboa em plena festa. Uma bomba explosiva lançada sobre um cortejo que despilava por uma das ruas mais centrais da cidade, deveria ter sido uma coisa tetrica; já pela horrorosa hecatombe produzida, já pela significação do facto. Fantasiava assim a imaginação espavorida um quadro negro e sombrio: muitos mortos e feridos e a anarquia a campear infrene e descomedida, nos seus impetos de selvageria feroz, sobre a capital do paiz. Taes foram as primeiras noticias comentadas; assim eram as impressões dos pessimistas. Ha sempre duas classes de pessoas propensas a avolumar, na intensidade e na extensão, os fenomenos de grande curiosidade sensacional — os ingenuos e os especuladores de profissão. Pessoas ha que sistematicamente, ao terem conhecimento vago de um desastre, inconscientemente o permenorisam com episodios terroristas. De tal modo se impregna nessas creaturas a visão horrenda de sinistro que jámais acreditam que sejam exactas as proporções das narrativas consequentes. Ha sempre, no intender dessa gente, uma certa razão de estado para, oficialmente, se ocultar a verdade, apoucando a significação dos acontecimentos.

Os outros—os especuladores—de má fé e sob todos os pretextos lançam a atoarda, a confusão e o pavor, segredando, insinuando e deturpando os acontecimentos como apraz á sua endiabrada propaganda.

Como seja grande o numero dos que acreditam que a desordem e anarquia estabeleceram campo em Lisboa, não será de mais clamarmos bem alto que a ordem foi de pronto e inergicamente restabelecida.

O Governo teve o condão de sofocar essa tentativa de perturbação social, que pela inoportunidade e pelas circunstancias se pode apenas classificar como indicio de loucura ou como sintoma de malvadez requintada.

Não são cabidos sequer comentarios.

Atirar sobre a multidão, destruindo e matando é um acto de cobardia e de ferocidade inqualificavel.

Um acto ou um gesto, aliás censuravel e brutal, justifica-se por vezes de algum modo, quando um intuito nobre o dita ou quando as suas consequencias o derimem.

Mas o atentado sindicalista de Lisboa tem todos os conspectos de uma façanha ignobil e os seus protagonistas ou comparsas nem ao menos assumem as responsabilidades das proprias ideias. Simplesmente miseravel o lado moral deste acontecimento.

Tudo nos induz ao convencimento de que os agentes ou comparsas do crime de Lisboa nem são, a rigor, anarquistas nem sindicalistas. São apenas criminosos vulgares ou gente sem imputação, como instrumentos, quiçá inconscientes, de qualquer seita de facinoras.

Faz-se ha certo tempo, apezar de tudo e por sistema, uma oposição de sapa, acintosa, cruel deshumana e incongruente, uma campanha de odios contra a Republica.

Vemos nisso, apenas, o dêdo de jezuita.

E' o processo tipico dessa horda maldita: *conseguem-se os fins, sejam os meios quaes forem.* Nesse sentido recruta-se a gentalha, os falsos operarios e alguns inocentes para... agitar a bandeira negra. Tal é o caso.

Bem faz o governo tratando com implacavel justiça estes perigosos inimigos da sociedade, que nem são trabalhadores nem mesmo anarquistas nem sindicalistas.

São tam sómente os discipulos de Loyola que armam o braço dos famintos e dos miseraveis, que exploram com a sua sorte e que ficam de longe e ao largo a gozar o espectaculo.

O unico inimigo da Republica em Portugal é o jezuita.

Bem avisado anda o governo em precaver-se contra as artimanhas, as hipocrisias e os atentados dessa raça daninha.

Nisto está—segundo crêmos, a garantia da *ordem.*

COMENTARIOS

Os reaccionarios

O julgamento do bispo do Porto, por ter transgredido a lei de Separação, deu azo aos reaccinarios para fazerem, a dentro do Tribunal, uma manifestação. pelintra e rastejante, de... sentimentos de solidariedade ultramontana Segundo a *Montanha*, apos o julgamento, houve o *osculo* do anel, regosijo obrigatorio e reverente por ter sido absolvido o reu, em nome de Deus. Não sabemos se no beija-mão entraram o juiz e o delegado, mas não seria de admirar o fenomeno, pois que dentro da respeitavel classe da magistratura é que os jesuitas contam os mais fervorosos adeptos. E' talvez questão de habito. A nós. o que nos admira é que não se entoasse a ladainha e o *Te Deum*, no proprio templo da... justiça. *Ad majorem Dei gloriam.*

As festas de Lisboa

Apezar dos acontecimentos a que noutro local aludimos as festas de Lisboa têm decorridos brilhantes e animadas.

Os sindicalistas e anarquistas em Portugal não conseguem felizmente, alterar a ordem.

Homenagem a Camões

A cidade de Lisboa no programa das suas festas incluiu a homenagem ao mortal poeta nacional, o grande epico portuguez Luiz de Camões. Nós tambem nos associamos a esta homenagem merecida, publicando um trecho dos *Luziadas* e um artigo de Teofilo Braga, inserto *n'A Patria.* Nunca será demais estimular o sentimento patriotico, memorando as glorias e o nome portuguez—*por mares nunca doutrem navegados...*

Paz ou guerra

Parece que o conflicto balcanico entrou na sua fase final. Soou a hora da paz, segundo os indicios e as noticias da imprensa,

Mas as grandes potencias armam-se e previnem-se para a guerra. Será isto porventura um sinal de paz duradoura?

Homenagem a Luiz de Camões

POETA E SOLDADO

Uma rapida biografia do grande épico

Nasceu Luís Vaz de Camões em Lisboa, no mesmo ano em que morria Vasco da Gama, em 1524, como se os grandes feitos realizados carecessem de ser completados pela glorificação da imortalidade Não são indiferentes os antecedentes genealogicos ou antropogenicos: foi o seu terceiro avô, Vasco Pires de Camões, fidalgo galego, que emigrou para Portugal no tempo de D. Fernando, e afamado trovador, florescendo nessa fase de revivescencia do lirismo galeziano representada no Cancioneiro de Baena, em que figura com algumas poesias. O seu segundo avô, João de Camões, teve o seu solar em Coimbra; o filho Antão Vaz de Camões casa com Guiomar da Gama, oriunda dos Gamas do Algarve, havendo deste consorcio Simão Vaz de Camões e D. Bento de Camões, o pai e o tio do poeta.

Casou Simão Vaz de Camões em Santarom com Ana de Sá e Macedo, filha de Jorge de Macedo, ainda aparentada com a casa de Vimioso, nascendo um filho unico em que se extinguiu este ramo genealogico, Luís de Camões.

Fixa-se o nascimento do poeta em Lisboa em 1524; di-lo o licenciado Manuel Correia, seu contemporaneo e amigo, emquanto á naturalidade, e Faria de Sousa em relação á data, deduzindo-a do «Registo das pessoas que passaram a servir na India desde 1550,» onde se lia, que tinha «vinte e cinco anos.» Contavam-se então os anos no fim de Abril. Tambem na canção XI alude o poeta ás estrelas infelices» cujo influxo se exercia quando ele saíu da «materna sepultura» para a vida. Ha aqui uma clara alusão ao celebre prognostico da Astrologia, que se espalhou, aterrando os povos, de que em 4 ou 5 de fevereiro de 1524 se daria a conjunção zodiacal das figuras de Piscis e Aquario, causando grande diluvio na terra. Espalhou-se um grande terror, situação angustiosa em que teve de intervir Carlos V, mandando o seu astrologo Cristobal de Arcos combater essa apreensão do vulgo; e pelo que se passava em Portugal, mandou a rainha D. Leonor, viuva de D. João II, que o dr. Frei Antonio de Beja publicasse o folheto que se intitula «Contra os juizos dos Astrologos.» Camões ligara este horoscopo aziago das «estrelas infelices» com a crise da sua sempre acidentada existencia. Quando em 1572 imprimiu Camões os «Lusiadas,» fixava na estrofe nona do canto decimo a idade de quarenta e oito anos em que então se achava: «Vão os anos passando e *já do estio*, ha pouco que passar *até o Outono*». Esse pouco referia-se ao limite de 49 anos em que começa o *outono* da vida ou a velhice, o que confirma ter nascido em 1524.

Na vida do poeta verificam-se estas duas influencias etnicas, a galeziana e a algarvia, no seu caracter sentimental e impulsivo, reflectindo no subjectivismo dos seus cantos liricos e nas complicações em que enchia a sua impetuosa existencia. Nascido no primeiro quartel do seculo XVI na fase mais fecunda da epoca da Renascença, ele acompanha a actividade dos espiritos como perfeito humanista, conhecedor das literaturas da Antiguidade, das Sciencias que se restauravam e da jurisprudencia que firmava o regime civil na dissolução do regime catolico-feudal. A mocidade de Camões passou-se em Coimbra, como descreve as suaves impressões em uma canção inimitavel. Em 1527 espalhou-se uma terrifica peste, que devastou a Estremadura e o Alemtejo; D. João III fugiu com a côrte de Lisboa para Coimbra; pouco antes deste ano D. Bento de Camões tomava o habito de conego regrante de Santa Cruz. Estas duas circunstancias motivaram a saída de Simão Vaz de Camões com a familia para junto do solar do avô João de Camões, onde tinha os seus parentes. A vida da côrte em Coimbra foi uma festa continuada, em que muitos fidalgos da terra caíram em pobreza; Gil Vicente ali compôz e representou os seus autos mais bem trabalhados, como a *Divisa da Cidade de Coimbra* baseada sobre a maravilhosa lenda da donzela da terra, da genealogia dos Menezes; Sá de Miranda entrava na intimidade de D. João III pela ascendente moral e elevada cultura humanistica. A infancia de Camões passa-se pelas margens do Mondego, entrando aos *doze anos*, em 1536, como aluno interno das Escolas de Santa Cruz de Coimbra, que eram muito frequentadas pelos filhos das familias fidalgas. Seguiam ali o curso de Artes, ou de Humanidades que constava de quatro anos com o grau de *bacharel latino*, como lhe chamava Falcão de Resende. Vivia sob a austera direcção de seu tio D Antonio de Camões, destraíndo um tão continuado internato com a exploração da opulenta livraria do mosteiro. Fez-se a mudança da Universidade de Lisboa para Coimbra em 1537, concedendo o rei logo em 15 de dezembro de 1539 a dignidade de Cancelario da Universidade a todos os Priores de Santa Cruz.

O primeiro que exerceu este alto e poderoso cargo foi D. Bento de Camões, tio do poeta; e era permitido aos estudantes do Mosteiro matricularem-se nas faculdades da Universidade sem sairem do internato, e tambem provarem os cursos não por matricula mas

com testemunhas. A forte cultura humanista de Camões explica-se por esta concentração no Mosteiro onde adquiriu uma vasta leitura e elaboração mental do plano e idealisações que lhe ocuparam a vida. A saída de Coimbra em fins de 1542, coincide com a terminação do seu curso que seria de jurisprudencia canonica, pelo empenho em que o tio estava de que seguisse a vida clerical. Esta data de 1542 é significativa, porque mostra que escapou á esterilisadora acção do humanismo jesuitico, implantado em Portugal, desde que a Companhia em 1555 se apoderou do ensino publico, ofuscando a fecundidade criadora dos Quinhentistas, matando nas consciencias das novas gerações submetidas á sua férula, o sentimento, que ficou totalmente apagado quando o invasor Filipe II foi recebido em Lisboa em 1580 com Te Deum e arcos triunfais.

Camões alude aos Jesuitas, *religiosos diligentes* com juiso depressivo.

A data do regresso de Camões a Lisboa em 1542 coincide com o desastroso fenomeno do aparecimento dos *Apostolos*, como os jesuitas se denominaram a si proprios, ou os *Franchinotes*, como lhes chamava o povo; foram recomendados e intruduzidos pelo embaixador em Roma, D. Pedro de Mascarenhas. Em uma carta de Camões inedita, hoje publicada pelo Dr. Xavier da Cunha, alude-se sarcasticamente a este devocionismo suscitado pelos recemvindos *Apostolos*, que só cultivavam a piedade das damas ricas e velhas. Nestes primeiros tempos da vida livre de Lisboa couviveu com o poeta vicentino Antonio Ribeiro Chiado, frade riboldo, revelando o seu genio apaixonado e espontaneidade de inspiração. A sua entrada na côrte é inexplicavel pelo prestigio da graça repentista que provocou nas damas da rainha D. Catarina a curiosidade de vel-o e de ouvil-o. A formosa e sempre esquiva D. Francisca de Aragão, celebrada por D. Manoel de Portugal e exuberantemente por Pedro de Andrade Caminha, mandou-lhe pedir a glosa de uns versos; Camões escreveu-lhe uma carta em prosa acompanhando as deliciosas glosas. Pela Ode dirigida por Camões a D. Manuel de Portugal, ainda aparentado com esse fidalgo por sua mãe, dos Macedos de Santarem (Vaqueiros), pode inferir-se que esse poeta, que em 1542 regressara de uma viagem á Italia, o apresentara na côrte excepcionalmente Estava-se na violenta crise do protestantism, o e D. João II absolutamente sugestionado pelo jesnita padre Simão Rodrigues, que impuzera como directores espirituais dos infantes padres da Companhia; a rainha D. Catarina, de um obcecado fanatismo, os infantes D. Luís e D. Henrique, as infantas, a Duquesa de Bragança, tudo ficou envolvido na atmosfera das alucinações sistematisadas pelos *Exercicios* de Inacio de Loiola.

A obra lirica de Camões é a mais bela expressão do genio da raça, e *ethos luso* tão admiravelmente representado na sua emotividade amorosa pelos trovadores portuguêses, por Bernardino Ribeiro, Cristovam Falcão, Gonzaga, Garrett e João de Deus, os verdadeiros *Fieis do Amor*. Camões salvou do naufragio na foz de Mecong os *Lusiadas*, esse *Thesouro do Luso*, como lhe chama Cervantes; sem esse poema faltaria-nos o titulo da nossa autonomia nacional, como bem o notava o castelhano Lafuente. As poesias liricas coligidas por Camões em um livro que intitulava *Parnaso* comentadas com considerandos dos da naturesa da *Vita Nuova*, de Dante, psicologicas e autobiograficas, foram-lhe roubadas á chegada a Lisboa. Ele morreu sob a pressão desse desastre; a belesa desses versos de amor que tanto impressionara os seus amigos, fez conservarem as peças de que tinham conhecimento. A curiosidade dos livreiros fez com que desde 1595 até 1910 se coligissem de cancioneiros e cadernos manuscritos tudo o que trazia o nome de Camões.

Pelo indice das composições coligidas pelo padre Pedra Ribeiro em 1577, se faz uma ideia do plano e da execução da actividade lirica de Camões; por esse indice se poderá destrinçar a parte autentica da grande soma de sonetos apocrifos que os livreiros foram acumulando em nome do poeta. Torna-se hoje facil fazer uma Centuria dos apocrifos, que compreendem 123 sonetes. Infelizmente até hoje esses sonetos estão baralhados desconexamente, pelo acaso dos achados dos seus compiladores: por isso o profundo poema psiquico que eles encerram não póde ser apreciado. São como uma grande concepção orquestal cuja partitura tivesse sido revolvida pelo vento ou por varredores. Será possivel dar a esses sonetos uma disposição que corresponda á relação do poeta com os sucessos que idealizam? Juromenha achava isso uma empresa irrealizavel.

Conhecido o squêma dos amores de Camões e as situações importantes da sua vida, esses sonetes, como quadros instantaneos pelo seu laconismo, e completos pela naturesa da forma lirica, agrupam-se naturalmente, revestindo esses contornos historicos.

E' o que pela primeira vez se tenta neste assombroso poema, cujas estrofes são os *Sonetos* de Camões. Sob este aspecto cada uma dessas joias adquire um novo brilho pela sua aproximação e posição no engaste, fazendo dessas composições despedaçadas um incomparavel poema subjectivo. Ainda uma outra relação entre a obra de Camões e a nacionalidade portuguêsa: tendo vivido em Lisboa e Coimbra, nas colonias de Africa da India e da China, Camões falou a lingua portuguêsa de todas as classes sociais e em todas as condições da existencia; e escrevendo sempre os seus versos para o meio que frequentava, estabeleceu espontaneamente esse caracter de unidade que hoje existe entre a lingua portuguêsa falada e a escrita.

Teofilo Braga

* * *

Batalha de Aljubarrota

(CANTO IV)

XXVIII

Deu sinal a trombeta Castelhana
Horrendo, fero, ingente e temoroso:
Ouvi-o o monte Artabro, e Guadiana
Atraz tornou as ondas de medroso
Ouvi-o o Douro, e a terra Transtagana;
Correu ao mar o Tejo duvidoso:
E as mais, que o som terribil escutaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram.

XXIX

Quantos rostos ali se veem sem cor
Que ao coração acode o sangue amigo;
Que nos perigos grandes o temor
E' maior muitas vezes que o perigo:
E se o não é parece-o; que o furor
De ofender ou vencer o duro imigo,
Faz não sentir que é perda grande e rara
Dos membros corporais da vida cara

XXX

Começa-se a travar a incerta guerra;
De ambas partes se move a primeira ala;
Uns leva a defensão da propria terra
Outros a esperança de ganhá-la:
Logo o grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assinala:
Derriba e encontra, e a terra emfim semea
Dos que a tanto desejam, sendo alhea

XXXI

Já pelo espesso ar os estridentes
Farpões, setas, e varios tiros voam:
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavalos treme a terra, os vales soam:
Espedaçam-se as lanças e as frequentes
Quedas co'as duras armas tudo atroam:
Recrescem os imigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca.

XXXII

Eis ali seus irmãos contra ele vão;
Caso feo e cruel! Mas não se espanta,
Que menos é querer matar o irmão,
Quem contra o Rei e a patria se alevanta;
Destes arrenegados muitos são,
No primeiro esquadrão que se adianta
Contra irmãos e parentes: caso estranho!
Quais nas guerras civis de Julio e Magno
.....
.....

XXXVI

Sentiu Joane a afronta que passava
Nuno; que, como sabio capitão,
Tudo corria, e via, e a todos dava
Com presença e palavras, coração
Qual parida leôa, fera e brava,
Que os filhos, que no ninho sós estão,
Sentiu que, emquanto pasto lhe buscara,
O pastor de Massylia l'hos furtara

XXXVI

Corre raivosa, e freme e com bramidos
Os montes Sete irmãos atroa e abala:
Tal Joane, com outros escolhidos,
Dos seus, correndo acode á primeira ala.
Oh fortes companheiros, oh subidos
Cavaleiros, a quem nenhum se iguala,
Defendei vossas terras; que a esperança
Da liberdade está na vossa lança.

XXXVIII

Vedes-me aqui Rei vosso, e companheiro
Que entre as lanças, e setas e os arnezes
Dos inimigos corro e vou primeiro:
Peloeai verdadeiros portuguezes,
Isto disse o magnanimo guerreiro;
E sopesando a lança quatro vezes,
Com força tira, e deste unico tiro
Muitos lançaram o ultimo suspiro.
.....
.....

XLII

Aqui a fera batalha se encruece
Com mortes, gritos, sangue e cutiladas;
A multidão de gente, que parece,
Tem as flores da propria côr mudadas:
Já as costas dão e as vidas; já falece
O furor, e sobejam as lançadas:
Já de Castela o rei desbaratado
Se vê, e do seu proposito mudado.

XLIII

O campo vai deixando ao vencedor,
Contente de lhe não deixar a vida:
Seguem-no os que ficaram; e o temor
Lhes dá não pés, mas azas á fugida:
Encobrem no profundo peito a dôr
Da morte, da fazenda despendida,
Da magoa, da desonra, e triste nojo
De ver, outrem triunfar de seu despojo.

XLIV

Alguns vão maldizendo e blasfemando
Do primeiro que guerra faz no mundo;
Outros a sede dura vão culpando
Do peito cubiçoso, e sitibundo,
Que por tomar o alheio, o miserando
Povo aventura ás penas do profundo:
Deixando tantas mãis, tantas esposas,
Sem filhos, sem marido, desditosas.

* * *

UM SONETO

Formosa Beatriz, tendes tais geitos
Num brando revolver dos olhos belos,
Que só no contempla-los se não velos
Se inflamam corações e humanos peitos,

Em toda perfeição são tão perfeitos
Que o desengano dão de merece-los
Não pode haver quem possa conhece-los,
Sem nele Amor fazer grandes efeitos.

Sentiram, por meu mal, tão graves danos,
Os meus, que com os vêr, cegos e tristes
Ficaram sem prazer, co'a luz perdida.

Mas já que vós com eles me feristes,
Tornai-me a vêr com eles mais humanos,
E deixareis curada esta ferida.

CASOS E NOTICIAS

O tempo e o mar — O tempo tem sido de quadra amena e de bom pronuncio de verão. O mar conserva-se calmo e a pesca dá algum resultado.

Camara Municipal — Extracto da sessão de 11 do corrente.

Presidencia: Dr. Pinto Coelho.

Vereadores presentes: os srs. Milheiro, Guetim, Oliveira e Marques dos Santos. Estava tambem presente o sr. Montenegro dos Santos, como administrador.

Aberta a sessão, lida e aprovada a acta da anterior, foi presente o seguinte expediente: Um oficio do vereador sr. Avelino Vaz, pedindo em virtude de falta de saude, e ainda por muitos afazeres, tres mezes de licença.

A Camara delibera encarregar o sr. presidente de se entender com ele no sentido do mesmo vereador não abandonar o seu logar.

Outro do respectivo administrador deste concelho, comunicando que reassumiu as suas funcções. Inteirada.

Outro da Comissão Paroquial Administrativa de Espinho, pedindo certidão da acta (na respectiva parte) em que foi aprovado o regulamento do descanço semanal ainda em vigor no concelho de Espinho e se o presidente da referida Comissão Paroquial foi ouvido para a sua confecção. Requeira em termos.

Outro do secretario de Finanças deste concelho, pedindo dois livros, sendo um para registo da receita cobrada e outro da conta corrente. Deferido. Finalmente outro do Mercado Central, pedindo lhe seja informada qual a quantidade de milho indispensavel para consumo publico neste concelho até á proxima colheita e ao mesmo tempo lembrando as disposições do art.º 1.º e seus §§ da lei de 29 de Fevereiro de 1912, que convida os possuidores de milho a manifestarem, no mesmo Mercado a quantidade disponivel daquele cereal. Colher informações.

Uma participação de Antonio Gonçalves, contra José Pedro da Cunha Sampaio Maia, por transgredir o § 1.º do art.º 16.º do Codigo de Posturas municipaes deste concelho.

Venha a intimação.

Um requerimento de Manoel Francisco Sarralva, pedindo licença para substituir a esquadria dum portal de uma casa velha que possue na rua 39. Ao vereador sr. Oliveira.

Outro do sr. José de Oliveira Salvador, pedindo para lhe ser consentido modificar o primitivo projecto das aguas furtadas do seu predio, sito na rua 62, pelo actual que junta ao requerimento. Tomado em consideração.

Foi presente o balancete da tezouraria referente á semana finda em 7 do corrente.

Receita

Saldo da semana anterior	234$753
Impostos indirectos. .	20$980
De diversos rendimentos	2$500
	253$233

Despeza

Pagos pelos mandados n.os 184 a 189 e 195 .	182$027
Saldo para a semana seguinte	76$206
	258$233
Dinhetro em fundo de viação na C. G. de Depositos	2:562$719

Foi encarregado o vereador sr. Carvalho de vender a herva que se crear no Parque.

O sr. Milheiro, pediu ao administrador que se achava presente, o pessoal da administração para fiscalisar a passagem dos ciclistas do Porto para Lisboa.

Banhistas — Tem continuado a procura de aposentos para os frequentadores da nossa praia durante a proxima epoca de banhos. Queixam-se pretendentes de que é caro o preço das casas. E' bom desenganar. Espinho deve recomendar-se pela facilidade de vida e pela sua higiene, sobretudo.

Cinematografos — Continuam com regularidade as sessões de cinematografo no Salão Avenida. Sempre boa concorrencia e esplendidas fitas.

Associação Cultual — Com bastante concorrencia celebrou-se no ultimo domingo a primeira missa pelo sacerdote, agora definitivamente incumbido do culto paroquial pela respectiva associação. Embora peze aos fanaticos, a associação cultual cumpre o seu dever. O resto é com os fieis.

Larapios — Nos ultimos tempos, tem-se dado nesta praia alguns furtos domésticos-de roupas. E' preciso dar caça aos meliantes.

Sessão do Senado de 13 de Junho

Depois de liquidado o incidente de 12 do corrente produzido pela má interpretação dada ás palavras do senador sr. Adriano Pimenta, começou outro provocado pelo senador sr. Pedro Martins cujo dealogo entre este e o sr. Presidente do Ministerio. vae a seguir transcrito:

Um negocio urgente

O sr. Pedro Martins pede a palavra para um negocio urgente. Sendo-lhe concedida a palavra, começa por se referir ao barbaro attentado da rua do carmo. Diz que não ha palavras que traduzam o horror que tal crime inspirou em todo o paiz e que não deve nem póde haver qualquer especie de clemencia para os criminosos. De-

pois falla no ataque ao jornal «O Dia, dizendo que tinha ideias homicidas, Condemna esse attentado, como condemna o assalto á Casa Syndical, e depois essa provocação a pessoas que assistiam, no uso de um direito e ao abrigo da lei, a uma récita de caridade no theatro Gymnasio. Protesta vehementemente contra estes attentados e quer que o governo tome, para todos elles, as mais energicas providencias.

O sr. Presidente do Ministerio O snr. Pedro Martins confundiu os acontecimentos no seu pedido de castigo severo. O repugnante crime da rua do Carmo não se parece nada com uma manifestação de populares deante de um jornal monarchico. Parece que o snr. Pedro Martins quiz significar que os criminosos eram os mesmos. Essa confusão não se admitte. Todavia, o castigo será exercido rigorosamente sobre os culpados, conforme o crime que praticaram.

Mas o governo sabe bem que não é o castigo de dois ou tres homens que acabará com o fermento da desordem, com os propositos dos inimigos da republica. E' preciso atacar o mal pela raiz, e isso não descurará o governo.

O Snr. *Goulará de Medeiros*: —Apoiado! E' preciso fazer boa politica republicana.

O orador:—Nesse ponto não preciso conselhos de ninguem. Sabe que o povo é bom. Todos sabemos que o povo só quer a paz, para que em paz possa trabalhar E essa paz, garanto-o, será mantida. Quer o snr. Pedro Martins saber á atitude do governo. Pois o o governo, pela sua bôcca, declara que só a elle compete manter a ordem, sem querer nem consentir que a acção da justiça popular se exerça,

O *snr Pedro Martins* volta a fallar, reeditando as suas considerações. Acrescenta que entende a ordem de maneira diversa do snr. presidente do ministerio; sua exc.ª só toma medidas de ordem em ocasiões de graves perturbações, ao passo que deixa que a Constituição seja violada.

O snr. presidente do ministerio registra o facto de ter o snr. Pedro Martins aproveitado este momento para fazer a declaração de que existe um partido de ordem, sahido da sua cabeça, Comprehendeu-o bem. Diz que o snr. Pedro Martins, monarchico antes de 5 de Outubro, sabe manter na republica a conveniente posição para voltar a sêl-o.

O snr. Pedro Martins—Fui na verdade membro de um partido monarchico, mas sabe o snr. prete do ministerio que homens d'esse partido bastante ajudaram os republicanos, e que, pela sua parte, elle, orador, defendeu sempre os principios liberaes. A affirmação do snr. presidente do ministerio foi leviana. Não tem entendimento com quem quer que seja em materia politica, e o seu passado não dá ao snr. presidente do ministerio o direito de fazer tal affirmação.

O *snr. Affonso Costa* volta ainda a fallar; Diz que se sr. Pedro Martins tem a pretenção de o conhecer. elle, orador, tem a certeza de conhecer sua ex.ª Cumpriu o seu dever, por eccasião dos acontecimentos, e não acceita conselhos nem lições do snr. Pedro Martins. Sente ter-se gasto o tempo d'esta sessão por tal fôrma, quando apenas tinha a explicar a acção do governo. Por fim, diz que o snr. Pedro Martins foi sempre dado a beatificas prelecções e exclama;— Snr. Pedro Martins, sob o ponto de vista politico, o snr. é demasiadamente insignificante para eu me occupar de si!

O *snr. Pedro Martins* responde em termos tambem asperos ao snr. presidente do ministerio, dizendo que sua exc.ª é um tyrannete bastante ridiculo para se occupar d'elle.

O *snr. Presidente do Ministerio:* —O snr. Pedro Martins dá-me a impressão de quem finge resuscitar, e por isso nada mais tenho a dizer.

ANTOLOGIA

Joaninha

Descance de quando em quando...
Passar assim toda a tarde
Sempre bordando, bordando,
Sem que um momento desista,
Até faz pena! Não lhe arde
Nem se lhe peturba a vista?

Descance de quando em quando...
Erga os olhos do bordado
E veja quem vae passando.
O trabalho alegra a gente,
Mas assim, tão aturado,
—Não lhe faz bem certamente.

Erga a carinha tranquila,
Erga esse rosto tão lindo,
E veja os moços da vila
A passarem por aqui,
Uns descendo, outros subindo,
—E todos d'olhos em si...

Descance de quando em quando
E veja se escolhe algum;
Já é tempo d'ir pensando
Em casar. Não é assim?...
Se não lhe agrada nenhum,
—Diga se gosta de mim.

Desde os começos do outono
Que eu a trago no sentido,
Não cômo, não tenho sono,
Tudo me dá ralação!
Quer-me para seu marido?
—Diga que sim ou que não...

Augusto Gil

Edital

Alberto Augusto Dias Milheiro Vice presidente da Camara Municipal de Espinho.

Faço saber que, em virtude da deliberação desta Camara, ha de ir a lanço com a maior publicidade na sala das sessões dela, pelas 15 horas do dia 15 do mez de junho e se arrematará difinitivamente, se assim convier aos interesses do municipio o seguinte:

Os logares de engraxadores, até 30 de Junho de 1914.

1.º Na Avenida da Graciosa junto ao kiosque do lado do sul da passagem do nivel.

2.º Na Avenida Serpa Pinto, em frente á Assembleia.

3.º Na esquina das ruas 19 e 4.

O arrendamento, por um ou cinco anos, do kisque em frente ao fontenario da Graciosa.

As condições para a sobredita arrematação estarão patentes na secretaria desta Camara todos os dias a contar da data do presente edital, até ao dia acima anunciado. onde poderão ser examinadas por quem nisso se inieressar.

E para que chegue ao conhecimento de todos, mandei passar este, que afixado será nos logares publicos do costume.

Secretaria da Camara Municipal de Espinho em 2 de Junho de 1913.

E eu José João Ferreira, secretario o fiz escrever e subscrevi.

O Vice-presidente,
Alberto Milheiro.

AVISO

Serzedo—Gaia O proprietario da casa de penhores, de Serzedo-Gaia—avisa os seus freguezes que ainda estejam em debito com os juros de 1912, os venham pagar até 30 de Junho corrente, para não serem vendidos em leilão.

Serzêdo—12—6—1913

José Ferreira dos Santos.

EDITAL

A Comissão Municipal Administrativa deste concelho, devidamente auctorisada e na conformidade das deliberações adotadas, faz publico que a contar da data deste edital está aberto concurso pelo prazo de vinte dias para a segunda prestação do suprimento do emprestimo de 7.000 escudos que a Camara deliberou contrair para a construção do novo mercado municipal.

A importancia desta segunda prestação è de 3.500 escudos e o concurso è feito sob proposta escrita em carta fechada sendo a adjudicação feita pela Camara em sessão publica e depois reduzida a contacto por escritura.

As condições do emprestimo são as seguintes:

1.ª—A baze do concurso è a taxa de juro de 6 % ao ano, ficando a cargo do credor o pagamento da respetiva contribuição.

2.ª—A Camara pagará o juro semestralmente no dia imediato ao seu vencimento.

3.ª—A Camara consignará ao emprestimo geral para juro e amortisação o rendimento do mercado, abatidos os 10 % para conservação e os demais encargos de fiscalisação além das deduções impostas por lei, sendo portanto metade desta garantia para esta parte.

4.ª—Em orçamento ordinario a Camara votarà todos os anos a quantia necessaria á amortisação e juro do emprestimo.

5.ª A Camara organisará regularmente escrituração especial do mercado, com verbas de receita e despeza que poderá ser examinada pelo credor.

6.ª—A amortisação do emprestimo, só começa a realisarse, depois da construção do mercado, que se considerará efectuada dentro de um ano depois de iniciadas as obras.

7.ª—As propostas serão apresentadas na Secretaria da Camara atè ás 16 horas do dia 24 de Junho de 1913, sendo preferida a que oferecer menor percentagem de taxa, em relação á fixada como baze.

Em igualdade de condições de oferta a Camara estabelecerá a divisão proporcional para a adjudicação.

8.ª—A adjudicação será feita na primeira sessão ordinaria depois de expirar o prazo do concurso.

9.ª — As propostas deverão ser redigidas nestes termos ou equivalentos;

F...declara que concorre ao emprestimo na importancia de 3.500 escudos, aberto pela Camara de Espinho, sujeitando-se ás condições do concurso e oferecendo este dinheiro ao juro de...por cento (assinatura o reconhecimento).

Espinho, 2 de Junho de 1913.

O Vice-presidente da Camara,

Alberto Milheiro

Terreno—vende-se de mil metros frente ruas 12—14—e 27 fallar Fernandes Ramos Pereira. Espinho

Aos Capitalistas

Vende-se o edificio e terreno onde es eve instalada aCompanhia tGeral de Elec ricidade.

Este edificio pelo seu grande salão, armazens para arrecadações, casa de maquinas, carvoeira, escriptorios, chaminé de larga tiragem, enormes poços e depositos para agua encontra-se em condições especiaes para Balneario modelo ou para outra qualquer industria

PADARIA

Passa-se, montada em corn dições, a padaria do Noguel a Souto em Espinho

ANUNCIO

Conselho d'um amigo

E' ir lá só uma vez para crer.

Da Beira Alta e do Minho ha os melhores vinhos nas *Adegas Xabregas*

Rua 6 n.º 36 e Rua 29 n.º 46 ESPINHO

Automovel

Vende-se.

Falar com Fernando Ramos Pereira.

Avenida 8

Espinho

João Augusto de Souza

FUNILEIRO E PECHILEIRO

Rua 14 Antiga Vaz d'Oliveira) n.º 81 a 82,

Previne os seus amigos e o publico, tanto de Espinho como de fóra' que a sua oficina se encontra montada com tudo o que è necessario para todos os trabalhos concernentes á sua arte, chamando por isso a atenção de todos os proprietarios para as posturas municipaes referentes ás aguas pluviaes, cujo praso brevementet ermina.

Espinho, 28 de Março de 1913.

ALUGA-SE OU VENDE-SE

O predio que faz frente ao Jardim no largo do Passeio Alegre em Espinho.

Informação no mesmo ou com José Fernandes no Café Chinez

HISTORIA DE VICTOR HUGO

VENDAS por junto

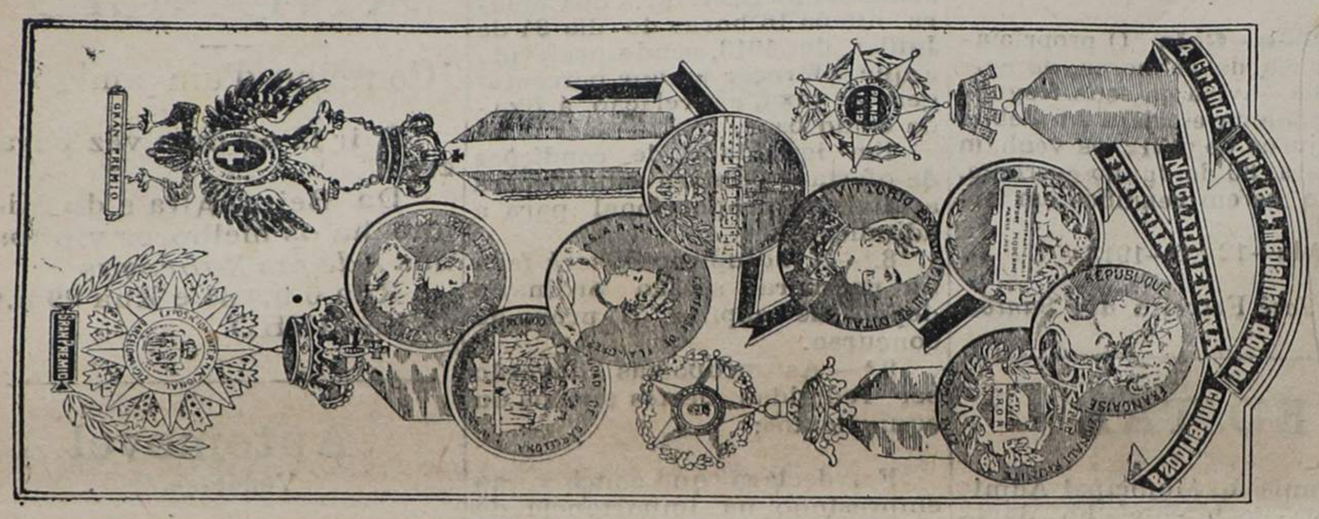
SORTIDO COMPLETO DE FAZENDAS ECONOMICAS

ESPECIALIDADE EM PANNOS BRANCOS, MORINS INGLEZES E PANNOS CRÚS.

LÃS, CHITAS,

FLANELLAS, RISCADOS, CHAILES, LENÇOS, MALHAS, CACHENÉZ E MUITOS OUTROS ARTIGOS

NÃO HA QUEM VENDA MAIS BARATO



NUCLARRHENINA FERREIRA

Hotel e Restaurant e
CAFE CHINEZ
DE
José Fernandes do Lago
Praia d'Espinho
Aberto todo o anno Proximo á estação.

PADARIA CASAL RIBEIRO
RUA 25 numero 64
(Proximo á camara)
ESPINHO
Manipulação esmerada de pão trigo e milho
DISTRIBUIÇAO aos DOMICILIOS

MONTENEGRO DOS SANTOS
NOTARIO PUBLICO
RUA VAZ D'OLIVEIRA, 260
ESPINHO

ALBERTO MILHEIRO
Cirrurgião dentista
Prothese e operações dentarias
Passeio Alegre 10
Em frente ao coreto da Graciosa

Hospedaria AMORIM
Largo do Passeio Alegre, junto ao jardim e em frente á Estação, lado oposto.
Aberto todo o anno, até ao ultimo comboio do Porto.

Materiaes para construcções
(Rua 16 n.os 194, 196 e 198) (Rua 14 n.os 239, 241 e 24
(Rua 31 porta larga)
N'esta casa encontram-se todos os materiaes proprios para construcções.
Cimento de diversas marcas, cal hidraulicas e outras
Azulejos, Mosaicos, tubos de grés, Bacias e bidets
Brochas e pinceis, Francezes
Tintas e ferragens
Preços sem competencia

Joaquim de Sà Alves de Oliveira
ESPINHO
Telha tipo Marselha da Pampilhosa
Telha Nacional e Tijolos de todas as qualidades.

Encarrega-se da coustrucção de toda e qualquer obra que lhe seja confiada, para o que tem pessoal habilitado.

Fotografia Carvalho
Espinho
Esmaltes photographicos para medalhas, perfeitos e eternos.
Retratos em porcellana.
Retratos reclame desde 500 reis.
Ampliação inalteraveis desde 2$000 reis.
Novidades efeitos de luz, transformação de vestidos e penteados, etc., etc.
Quem deseje adquirir um bom retrato a preços que ninguem pode egualar, não hesite em procurar sempre esta casa.
Oficina machanica de cartonagem photographica.

Camisaria e Alfaiataria Lacerda
Espinho
Esta casa recebeu um grande e variado sortido de cazemiras nacionaes e estrangeiras, para a presente estação.
Preços sem competencia
Cofeção rapida e perfeita.
Dão-se amostras a quem as pedir tanto para escolha como para confronto de preços.

CONSULTORIO MEDICO-CIRURGICO
Rua 19 (antiga Bandeira Coelho)
ESPINHO
Medicos cirurgiões:
J. PINTO COELHO
RESIDENCIA:
Avenida Graciosa, 71
J. CORREIA MARQUES
R. Vaz d'Oliveira, 1

FOTOGRAPHIA EVARISTO
Avenida Sérpa Pinto, 23
ESPINHO
Execução perfeita de qualquer ratbalho photographico.
Retratos em todos os generos.
Reproducções de qualquer retrato por mais antigo que seja
Conclusão de trabalhos photographos amadores

CAMINHO DE FERRO DO VALL DO VOUGA

De Espinho a Aveiro

ESTAÇÕES	1	3	5	7	9	11
Espinho-Praia	8,20	17,35	20,25	—	—	
Espinho-Vouga	8,23	17,38	20,28	—	—	—
Paramos	8,30	17,45	—	—	—	—
Sampaio-Oleiros	8,38	17,53	20,41	—	—	—
Paços de Brandão	8,45	18,0	20,48	—	—	—
Rio Meão	8,51	18,6	—	—	—	—
S. João de Vêr	8,59	18,14	21,1	—	—	—
Cavaco	9,6	18,21	—	—	—	—
Villa da Fe a	9,14	18,31	21,14	—	—	—
Arrifana	9,24	18,41	21,24	—	—	—
S. João da Madeira	9,29	18,46	21,30	—	—	—
Couto de Cocujães	9,38	18,55	21,39	—	—	—
Oliveira d'Azemeis	9,58	19,17	21,49	—	—	—
Ul	10,5	19,25	—	—	—	—
P. Bemposta	10,27	19,48	—	—	—	—
Branca	10,33	16,54	—	—	—	—
Albergaria-a-Nova	10,42	20,5	—	—	—	—
Albergaria-a-Velha)C.	10,56	20,19	-	—	—	—
)P.	—	—	—	6,35	11,5	14,50
Sarnada	—	—	—	6,55	11,25	15,10
Macinhata	—	—	—	7,4	11,32	15,9
Mourisca	—	—	—	7,23	11,48	15,38
Agueda	—	—	—	7,37	12,2	15,52
Oronha	—	—	—	7,45	—	16,0
C. d'Alvaro	—	—	—	7,49	—	16,4
Cabanões	—	—	—	7,54	—	16,9
Travassô	—	—	—	7,59	—	16,14
Eirol	—	—	—	8,5	12,21	16,20
S. J. Loure	—	—	—	8,12	—	16,27
Eixo	—	—	—	8,17	12,31	16,32
Aveiro	—	—	—	8,31	12,45	16,46

De Aveiro a Espinho

ESTAÇÕES	2	4	6	8	10	12
Aveiro	—	—	—	9,40	15,0	19,15
Eixo	—	—	—	9,55	15,15	19,30
S. J. Loure	—	—	—	10,0	—	19,35
Eirol	—	—	—	10,7	15,25	19,42
Travassô	—	—	—	10,13	—	19,48
Cabanões	—	—	—	10,18	—	19,53
C. d'Alvaro	—	—	—	10,23	—	19,58
Oronho	—	—	—	10,27	—	20,2
Agueda	—	—	—	10,39	15,48	20,14
Mourisca	—	—	—	10,49	15,58	20,24
Macinhata	—	—	—	11,8	16,14	20,43
Sarnada	—	—	—	11,21	16,25	20,56
Albergaria-a-Velha)C.	—	—	—	11,36	16,40	21,11
)P.	—	7,20	16,50	—	—	—
Albergaria-a-Nova	—	7,39	17,6	—	—	—
Branca	—	7,47	17,14	—	—	—
P. Bemposta	—	7,55	17,20	—	—	—
Ul	—	8,19	17,42	—	—	—
Oliveira d'Azemeis	5,35	8,36	17,53	—	—	—
Couto de Cocujaes	5,48	8,47	18,6	—	—	—
S, João da Madeira	5,58	8,57	18,15	—	—	—
Arrifana	6,3	9,2	18,20	—	—	—
Villa da Feira	6,13	9,13	18,32	—	—	—
Cacavaco	6,20	9,21	18,89	—	—	—
S. João de Vêr	6,27	9,28	18,47	—	—	—
Rio Meao	6,35	—	18,55	—	—	—
Paços de Brandão	6,41	9,40	19,1	—	—	—
Sampaio-Oleiros	6,48	9,47	19,8	—	—	—
Paramos	6,56	—	19,16	—	—	—
Espinho-Vouga	7,3	10,0	19,23	—	—	—
Espinho-Praia	7,5	10,2	19,25	—	—	—